

## Apresentação

Fernando Afonso de Almeida<sup>1</sup>


Victoria Wilson<sup>2</sup>


No seio da vida social, é comum os participantes se empenharem para que as interações transcorram de forma harmoniosa, sem sobressaltos ou tensões. E com razão, pois toda interação comporta potencialmente uma dose de risco, sobretudo devido à dificuldade, para os participantes, de avaliarem prévia e corretamente os efeitos que suas intervenções, ações e reações terão sobre o(s) outro(s) e sobre si mesmos. Sendo assim, interação exige cautela, e os parceiros se esforçam para fazê-la avançar procurando manter sob controle suas diferentes fases e seus desdobramentos. De fato, diante da grande variedade de aspectos que influenciam o desenrolar da interação – a tomada da palavra, os temas abordados, as posições reivindicadas e/ou negociadas, a distância interpessoal, a duração etc. – é necessário empreender constantemente manobras que permitam anular ou minimizar esse risco de conflito.

Apesar dessa preocupação constante por parte dos interagentes, há situações em que surgem fatores de dissintonia de ordem diversa – premissas relativas às regras de convivialidade, avaliação a respeito do outro e de sua condição, cálculo interpretativo, interesses antagonistas, não reconhecimento de posição reivindicada, entre outros – que favorecem o desentendimento e que são capazes de conduzir a interação à desarmonia. Nesse processo, tornam-se salientes tanto o grau de opacidade que o comportamento de um interagente pode adquirir para o outro, quanto a dificuldade ou incapacidade de questionar a validade de suas hipóteses e de reformulá-las eventualmente.

O número “Acidentes na interação: expressão e controle da emoção e do afeto” reúne artigos que procuram enxergar o investimento laborioso ao qual se entregam os indivíduos,

---

<sup>1</sup> Doutor em Letras Neolatinas pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (1996). Professor Associado III da Universidade Federal Fluminense e professor pesquisador do Programa de Pós-graduação em Estudos de Linguagem da UFF nas linhas de pesquisa Teoria do texto, do discurso e da interação, e Estudos aplicados da linguagem. Rio de Janeiro, Brasil. *E-mail:* [feafal@gmail.com](mailto:feafal@gmail.com)  <http://orcid.org/0000-0001-8240-1622>.

<sup>2</sup> Doutora em Letras (Linguística) pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (2000). Atualmente é professora associada de Linguística da Faculdade de Formação de Professores da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (FFP/UERJ). Docente do Mestrado Profissional em Letras- PROFLETRAS e do Mestrado Acadêmico em Estudos Linguísticos do Programa de Pós-graduação em Letras e Linguística da UERJ- PPLIN. Rio de Janeiro, Brasil. *E-mail:* [vicwilsoncc@gmail.com](mailto:vicwilsoncc@gmail.com)  <http://orcid.org/000-0002-5227-8860>

quando estes se esforçam para estabelecer algum grau de comunicação, seja apontando para o consenso, seja para o dissenso. Conflitos, mal-entendidos, ora são ajustados em termos de trocas verbais em prol do equilíbrio ritual, ora são postos à prova, superando a ideia de que as pessoas sempre agem a favor da harmonia interacional. Inicia-se este número com uma entrevista da professora Maria do Carmo Leite de Oliveira, que ressalta, de modo criativo e crítico, além de muito atual, o vínculo estreito e necessário existente entre falante, linguagem e meio social. Situada na esfera do social, a linguagem se disponibiliza para o indivíduo, o qual, ao mesmo tempo, ao utilizá-la para agir e interagir, lhe dá existência, a atualiza, a renova, a confirma: “A interação é o lócus em que os indivíduos realizam as ações sociais”, diz a professora.

Na sequência, e, a partir do estudo de um corpus constituído de chamadas telefônicas efetuadas ao Serviço de Emergência, na província do Quebec, Canadá, – chamadas essas em que se declara a morte de uma pessoa – Marty Laforest e Jessica Rioux-Turcotte, no artigo “A declaração de morte, um revelador de dificuldades interacionais no serviço telefônico de emergência”, observam a resistência do chamador às solicitações e às instruções do atendente nessa situação e sugerem que esse desalinhamento interacional está associado ao caráter padronizado da formação recebida pelos atendentes.

Em “O ato de fala descortês irônico na rede social digital Facebook”, Katiuscia Cristina Santana explora como determinados atos de fala como os desacordos, por exemplo, podem suscitar a descortesia, especialmente, considerando-se interações on-line, como as conversas no Facebook. Segundo a autora, a ironia é um desencadeador de manifestações descorteses, e, conseqüentemente, geradora de conflitos. O problema se agrava, segundo a autora, porque “a rápida difusão de comentários nas redes sociais digitais abre espaço para expressões ofensivas como os insultos (...)”, tornando o contexto on-line mais propício a expressões descorteses e ao desequilíbrio ritual.

Sob a ótica da Análise da Conversação, o artigo “Quem ama protege? O jogo de faces e de estratégias interacionais em um relato feminino de violência conjugal”, Kaline Girão Jamison analisa textos orais transcritos de um Boletim de Ocorrência em que é registrada uma situação de violência conjugal, na qual a mulher, vítima da violência, rejeita, paradoxalmente, medidas de proteção contra o agressor. O trabalho demonstra, por meio da análise de marcadores discursivos relacionados a processos de formulação textual oral e indícios de

práticas de elaboração de face, que as regras de conduta mantidas entre a vítima e a representante da instituição policial durante o registro apontam para a manutenção da imagem social e um jogo de faces alinhado a ajustes verbais e cognitivos.

Em “Os (des)encontros entre a polidez linguística e a Comunicação Não Violenta (CNV)”, Geórgia Maria Feitosa e Paiva propõe uma revisão da literatura do clássico *Politeness: some universals in language usage* de Brown & Levinson (1987), tecendo pontos e contrapontos em relação ao trabalho *A comunicação não violenta* (ROSEMBERG, 2006). No artigo, a autora esmiúça as duas obras com o fim de demonstrar em que aspectos as teorias se tocam ou se afastam, contribuindo para o avanço nas reflexões no âmbito dos estudos da polidez, especialmente no que diz respeito à concepção de que as pessoas estariam preocupadas a todo custo em manter a harmonia interacional.

A interação no espaço jurídico ganha destaque em “Tinha um lamento no meio do caminho: A sobreposição de valores em interações argumentativas jurídicas”, artigo de Rubens Damasceno-Morais. Utilizando-se de recortes de um julgamento em Segunda Instância de um processo de danos morais, a análise debruça-se sobre uma interação verbal oral conflituosa com objetivo de descrever fenômenos macrodiscursivos e interacionais do discurso e do contradiscurso da argumentação. O aporte teórico centra-se na Sociologia das interações verbais e nos estudos clássicos sobre a polidez linguística, e os resultados mostram como as emoções, além de exercerem um papel fundamental no jogo de polidez e de proteção de faces, contribuem para a construção da argumentação.

Com base em pressupostos teóricos do dialogismo de Bakhtin, o artigo “Escrita conjunta: participação, negociação e escolhas no processo de construção de uma resenha acadêmica” procura evidenciar, na prática, o processo dialógico, fundamental à atividade de linguagem, a partir da observação de movimentos interacionais efetuados pelos interlocutores incumbidos de realizar uma resenha sobre o curta metragem *Vida Maria*. A análise das autoras Márcia Helena de Melo Pereira e Anne Caroline Dias Rocha Prado visa compreender as estratégias de negociação empreendidas por uma dupla de estudantes universitários na elaboração conjunta de resenhas acadêmicas. A análise demonstra, por meio das escolhas linguísticas realizadas, a participação de cada um na relação eu-outro e as respectivas atitudes responsivas que acabam por influenciar toda a dinâmica do processo.

Em “A enunciação de pedidos como estratégia de (im)polidez no contexto de ensino de português brasileiro como língua adicional”, com a proposta de discutir o estatuto do “pedido” enquanto ato de fala, suas formulações atenuadas, seu potencial ameaçador, Rodrigo Albuquerque e Aline Muniz recorrem a diversos estudiosos da pragmática e da sociolinguística interacional (Goffman, Brown & Levinson, Gumperz, Leech, entre outros) para estabelecer a base teórica de suas reflexões. Feito isso, os autores se aplicam a examinar a forma como os participantes de uma interação de caráter pedagógico formulam suas intervenções tendo em vista a manutenção da harmonia.

Apoiando-se na teoria da Relevância, de Sperber & Wilson e, ao mesmo tempo, nos estudos de Damásio sobre as emoções, Sebastião Lourenço Santos defende a importância da dimensão emotiva nos processos de interpretação. Afirma que os diferentes graus de emotividade, positivos ou negativos, modulam as percepções e influenciam os resultados obtidos nos processos cognitivos e interpretativos. A título de ilustração, o autor de “O efeito das emoções na interpretação racional” analisa trecho da entrevista de um candidato à presidência da República Brasileira no pleito de 2018, em que ressalta a confluência dos aspectos racionais e emocionais.

Em “As emoções em Libras: uma análise da conversa entre Youtubers”, Isabelle Souza e Maria das Graças Dias Pereira refletem sobre o papel das emoções, considerando seu aspecto pragmático e sua estreita relação com a situação social em que estas se manifestam. Observam trocas entre um surdo e um ouvinte, que interagem no contexto de uma rede social, num evento próximo à conversa espontânea face-a-face no mundo não virtual. Constatam nessas intervenções, além de estratégias de autopreservação da imagem e de defesa das faces, a presença do humor e da ironia, como forma de evitar eventuais constrangimentos.

Esperamos, com esse número da revista, ter reafirmado a importância da visão sócio-interacionista para uma compreensão mais realista e ampliada da comunicação humana, e, em especial, ter contribuído para a reflexão e a crítica dos estudos na área da (im)polidez, que, sem dúvida, exige dos sujeitos um certo investimento em termos de atenção e cautela.

Os organizadores